



8ª Congregação Geral - 13 de outubro de 2023

Testemunho da missão digital

EMBARGO ATÉ O MOMENTO EM QUE O TEXTO É PRONUNCIADO

**José Manuel DE URQUIDI GONZALEZ
e Xiskya Lucia VALLADARES PAGUAGA, R.P.**

Caros irmãos e irmãs da Assembleia Sinodal:

Vários de vós já falaram nas vossas intervenções sobre a importância de "evangelizar o ambiente digital". Penso que poderia ser um contributo para o discernimento do B2 partilhar a experiência que tivemos no chamado Sínodo Digital. Formalmente, o projeto chama-se 'A Igreja te escuta'. É uma iniciativa levada a cabo por uma rede de missionários e evangelizadores digitais, com o acompanhamento do Dicastério para a Comunicação e da Secretaria Geral do Sínodo. É uma expressão missionária do Sínodo, porque se dirige exclusivamente às periferias, àqueles que não participaram presencialmente.

Com base na nossa experiência, podemos dizer que existem **três frutos principais**:

O primeiro foi que a missão digital se tornou um elemento importante na consulta global do Sínodo a partir de outubro de 2021. Na primeira fase, ao longo de 2,5 meses, 250 missionários realizaram processos de escuta em 115 países e em 7 línguas, atingindo assim um total de mais de 150.000 pessoas que quiseram responder ao questionário, 30% das quais eram não crentes e pessoas distantes da fé. Os frutos da nossa escuta foram incluídos, juntamente com os outros, na síntese global que deu origem ao documento para a fase continental. Na segunda fase, 15 missionários digitais foram convidados para as várias assembleias continentais para partilhar o seu discernimento a partir da experiência da sua missão. Dois deles estão aqui presentes na assembleia.

O segundo fruto foi a criação da própria consciência da *missão digital*. Se muitos missionários evangelizam nas redes desde há muito tempo, fizeram-no por iniciativa própria, e muito poucos com apoio institucional. São aqueles que há muito sentiram o chamamento à missão também nas redes e nos espaços digitais, como sua vocação cristã. Para este projeto de escuta, foi necessário criar espaços, uma rede, entre estes missionários, para que nos pudéssemos encontrar e discernir juntos. Assim, a consciência de que fazíamos parte de algo que poderia ser chamado de *missão digital*, realizada pela e na Igreja, foi um fruto concreto do caminho sinodal. Atualmente somos quase 2000 missionários digitais de todo o mundo, e continuamos a crescer.

Ao mesmo tempo, descobrimos em nós, sobretudo leigos e jovens, o desejo de estarmos mais ligados aos nossos Bispos e Dioceses, e de sermos mais acompanhados, reconhecidos e integrados na missão apostólica da Igreja. Houve um momento muito importante nessa crescente tomada de consciência quando, nas JMJ de Lisboa, em agosto, organizámos um encontro, pela primeira vez presencial, constituído por uma Missa e um Festival, de 577 missionários de 68 países.

A missa e a bênção dos evangelizadores e missionários digitais em Lisboa refletiram **o terceiro fruto deste projeto de escuta sinodal**. É a crescente consciência por parte da Igreja de que, nas palavras do Cardeal Tagle em Lisboa, **a missão digital não é apenas um instrumento** para levar a cabo a evangelização, mas é *"um espaço, um território... um mundo novo para a Igreja da comunhão e da missão"*.

Irmãos e irmãs, gostaria de sublinhar este ponto: *o ambiente digital é uma cultura*, um "lugar" onde as pessoas - todos nós - passam uma grande parte das suas vidas. Não é simplesmente um instrumento, mas, como diz o Papa Francisco em *Christus Vivit*, "afeta de modo muito profundo a noção de tempo e de espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de se informar, de entrar em relação com os outros" (CV 86). Como todas as culturas, tem a sua própria linguagem e formas de atuação. E como em todas as culturas, para que a semente do Evangelho aí cresça, é preciso inculturá-la.

Nessa cultura, encontramos irmãos e irmãs que anseiam pelo Anúncio. Há muitos que precisam de esperança, que precisam curar as suas feridas, que precisam de uma mão, que precisam de Deus. De nada serve a muitos dizer-lhes o horário da missa, ou convidá-los a visitar a catedral, se antes não tivermos sido capazes de dialogar com eles, aproximando-nos para os escutar. Por vezes, sentem-se confusos ou envergonhados e precisam de um "companheiro de viagem" para os ajudar. Para sermos esse companheiro, temos de sair de nós próprios, das nossas próprias mentalidades, para ir ao encontro deles, para os escutar e para os acompanhar.

Diz-se que estamos num tempo de transformação da Igreja, que o modelo herdado já não funciona para falar à era digital. É-nos proposto que, neste tempo de transição, a Igreja deve ser construída a partir das periferias, lá na Galileia dos incrédulos e dos feridos, onde aqueles que anseiam por Deus não sabem como o invocar. A nossa experiência é que a cultura digital tem muito desta "nova Galileia", e que o Senhor está lá, diante de nós, em primeiro lugar, como diz o Papa Francisco.

Também aí há muitas coisas que não são de Deus. Não somos ingénuos. Em *Towards a Full Presence*, a reflexão pastoral de maio do Dicastério para a Comunicação sobre a interação nas redes sociais, são muito bem analisados os algoritmos que condicionam e filtram as redes para obter ganhos financeiros. Como todos os missionários, temos de saber onde estão as armadilhas e os truques.

Mas o que nos conduz a este território é o mesmo Espírito que, através deste Sínodo, nos convida a abraçar a missão nesta nova Galileia. É a escuta humilde, o acompanhamento e o diálogo, bem como um bom conhecimento do tesouro da nossa fé, que nos permitem entrar em diálogo com uma população que é difícil de ver nas igrejas. São as pessoas entre os 18 e os 40 anos (30% de não crentes). São aqueles que acreditam "sem pertencer", os alienados e os afastados, os 'Nones' como se diz em inglês. São aqueles que deixaram a Igreja feridos por tanta discriminação, ou se aborreceram com a nossa pregação, ou não compreenderam a nossa linguagem, ou talvez nunca tenham posto os pés numa igreja. Mas continuam a procurar. Passam a maior parte do tempo nas redes, porque é aí que estão "parcialmente escondidos". O seu anonimato permitiu-lhes superar a vergonha e a distância, ou simplesmente poder fazer perguntas. Entrar em diálogo com eles exige tempo, paciência e muito amor.

Por fim, quero enfatizar um ponto relevante para a secção B2.2. Para a missão nos espaços digitais, não importa se és padre ou leigo, homem ou mulher, jovem ou idoso: dos 250 evangelizadores da primeira fase, 63% são leigos, 27% padres e 10% religiosos e religiosas. O que importa é a tua capacidade de escuta e de diálogo. O que surpreende é a confiança que se

tem na pessoa, na palavra e no testemunho do missionário digital. Neste sentido, *a nova Galileia do ambiente digital* é um território ideal para uma Igreja sinodal missionária em que todos os batizados assumem a corresponsabilidade da evangelização.

Descobrimos também a importância do que se diz na ficha de trabalho de B 2.1, alínea d), que os limites e os fracassos das comunidades cristãs não são um obstáculo à missão, mas que, cito, "o movimento de sair de si mesmo pelo impulso da fé, da esperança e da caridade é uma forma de fazer face a esta incompletude". Nas redes tudo é provisório, fluido, incompleto. E aí o que oferecemos não é a fachada de uma grande basílica histórica, mas o rosto misericordioso, que tenta compreender a linguagem para transmitir uma Vida. E a partir desse primeiro encontro, muitos encontram logo a coragem e o desejo de entrar na Basílica.

Sonhemos juntos que um dia todas as dioceses tenham as suas equipas de "missionários digitais" enviadas pelos seus Bispos; e que o ministério da *escuta digital para ir ao encontro do irmão que sofre* será uma parte normal da vida da Igreja. E se o sonho se tornar realidade, certamente no futuro dirão que foi o Sínodo sobre a sinodalidade que o tornou possível.